

ÁFRICA E AMÉRICA:
VISÃO COMPARATIVA HÁ UM SÉCULO

O afilamento da parte meridional do Novo Mundo e dos dois continentes da África e da Austrália, entrevisto por F. BACON no século XVI, foi já indicado com toda a clareza por BUFFON nos meados do século XVIII, o contraste entre as formas maciças dos continentes meridionais e a maior articulação de golfos — penínsulas e ilhas ao norte deles. A Guiné e o Brasil como que tendem a juntar as saliências; a América do Norte, com o seu pedúnculo do México e da América Central, não tem qualquer analogia africana. Também o contorno sinuoso da América do Sul, projectado para um arco circumpolar, contrasta com as formas nítidas e mais setentrionais da África austral.

CARL RITTER indicou as vantagens das articulações litorais da América Setentrional. Mas terão estas ilhas e canais as virtualidades que lhe foram atribuídas? Só as Antilhas, «a joia do Novo Mundo», graças ao clima e às facilidades da navegação, se transformaram nas grandes plantações tropicais — as que, de longe, receberam maior número de escravos africanos.

Uma feliz disposição opõe os rios navegáveis da América aos rápidos e cataratas que dificultam a penetração africana; além disso aqueles rios dispõem de largas torrentes abertas à navegação interior: a maior bacia do globo, a do Amazonas, completa-se por uns 30 000 km de navegação interior no Mississipi e nos seus ramificados afluentes; o Orenoco e o Rio da Prata enriquecem esta feliz navegabilidade. As altas terras andinas, descaindo sobre o mar pelas maiores escarpas, constituem no sistema de penetração da América do Sul um dispositivo limitado.

A América é um sistema afastado da grande navegação do Ocidente e do Oriente. Mas, antes dos navios a vapor, já os galeões espanhóis sulcavam o rico mar das Caraíbas, punham em contacto os dois *virreinos* do México e do Peru, e a navegação portuguesa em direcção do Oriente tocava os salientes da costa brasileira, de Pernambuco à Bahia ou mesmo ao Rio de Janeiro. A navegação a vapor havia de ligar, apenas em onze dias, Paris a Buenos Aires.

A descoberta do Novo Mundo fez-se em 27 anos, pois tantos mediaram entre a viagem de Colombo e a de Magalhães. A descoberta do litoral africano durou de 1424, primeira expedição às Canárias, até se dobrar o Cabo da Boa Esperança, virtual encontro do caminho marítimo para a Índia, em 1486; a grande viagem de relação de Vasco da Gama só veio a fazer-se em 1498. Enquanto a ocupação das Canárias, da Madeira e dos Açores prossegue e se escalona entre 1424 e 1439, e a ocupação de feitorias no litoral africano se vai fazendo penosamente. Espanhóis, Portugueses e Italianos exploram em poucos anos as Ilhas Caraíbas, as fozes dos grandes rios, contornam o litoral americano e remontam as suas vias navegáveis. Se foi difícil a penetração da África, onde ora se encontram potentados decididos a aceitar feitorias ora aliados reticentes

quando não francamente hostis, os «conquistadores» dominam em poucos anos os impérios azteca e inca (1521, 1524) e aliam-se à confederação das cidades mayas. Enquanto o ouro da Mina e de Monomotapa chega parcamente ao litoral (*placers* mas não verdadeiras explorações auríferas), a Espanha lança mão das enormes riquezas mineiras que podiam ter feito a prosperidade de grandes e poderosos estados se o ouro valesse, na América pré-colombiana, o mesmo que na Europa. A despeito de imponentes obstáculos litorais, a América precede de decênios, quando não de séculos, os lendários reinos do ouro africano. Pode dizer-se, e muito de propósito, que até o padrão da foz do Zaire, colocado por Diogo Cão em 1482, ter apressado o périplo da África, o sul desta era para os Europeus um continente tão desconhecido como a América.

Analogia aparente que esconde profunda diferença no destino humano. A América é um mundo novo, com as suas riquezas minerais e o rápido incremento e prosperidade que toma uma plantação mediterrânea, rapidamente transformada na maior plantação tropical: a cana-de-açúcar. O papel da África vai ser o de sustentar a prosperidade que a América alcançou em poucos anos: fornecer a mão-de-obra servil para a lavoura e o fábriço da cana, pois os índios mexicanos e peruanos são, até ao *garimpo* feito com Negros nas Minas Gerais, os trabalhadores das minas de ouro, de prata, de mercúrio. «O marfim negro e as minas de Angola», dirá CADORNEGA (1690) a propósito da principal produção daquela província. A África será, até à sua tardia emancipação, terra de escravos, de servos, de serviçais compelidos ao duro trabalho dos senhores brancos. Este estigma pesa ainda sobre a sua história. Compreensão, formas frustes de liberdade, quando não a coragem física levada até à crueldade de a defender, tornarão esta história complexa e mitigada, sobre a qual pesa uma condenação dura e injusta, pois é aos senhores pretos que geralmente se deve o encaminhar das levas de escravos até aos portos negreiros que lhe darão destino: e esse destino foi sempre a América tropical.

«Duma riqueza extrema de vegetais, a América do Sul é também, de todos os continentes, o que, nos quatro últimos séculos, deu ao mundo civilizado o maior número de espécies úteis para a alimentação, a medicina, a indústria. A batata, tornada alimento indispensável para tantos milhões de homens, é uma planta sul-americana que cresce espontaneamente em diferentes altitudes nas regiões dos Andes, da Colômbia e do Chile. A mandioca e diversas espécies de inhames, ainda mais úteis a certas populações negras e indianas da América latina que a batata pôde sê-lo aos Alemães e Holandeses, são igualmente originárias da metade meridional do Novo Mundo; daí vem uma espécie de tomate, o amendoim, o cacau — *theobroma* ou «alimento dos deuses». Cedo ou tarde fornecerá aos jardins da Europa plantas não aclimatadas, tal como a quínoa, espécie de quenopódio cuja raiz esmagada serve para fazer pão, a raiz da arracacha, que se parece com o aipo, o mate, a folha que substitui o chá para os Platenses e Brasileiros do Sul. A indústria recebeu da América do Sul a borracha de diversas árvores, a medicina deve-lhe, entre outros produtos, a trepadeira da ipecacuanha, o bálsamo

do Tolu, a casca da chinchona, que cura as febras, e a folha da coca, que adormece a fome e preserva os seus sofrimentos. Por seu lado, o continente sul-americano, enriqueceu-se de quase todas as espécies alimentares e industriais da Ásia. A bananeira, propaga-se tão espontaneamente que a maior parte dos naturalistas acreditaram na sua origem indígena» (ELISÉE RECLUS) (1).

Nesta página que, cem anos depois, vale a pena recolher com a sua vigorosa originalidade, falta apenas o tabaco, presente envenenado da América a todo o mundo, civilizado ou não, e o café, tardiamente difundido dos planaltos africanos, certamente a mais universal e inofensiva das bebidas, estimulante sem excesso e incapaz de produzir qualquer estado de grave intoxicação. Tal é o duplo destino dos continentes: dar e receber. E só com ambos se acabará por criar não uma civilização universal, porque cada ecologia, espaço ou paisagem guardará felizmente a sua, mas uma civilização de que participem todos «os homens de boa vontade» — aqueles a quem foi prometida a paz na Terra... assim a saibam merecer.

ORLANDO RIBEIRO